

## Aproximação China-Taiwan: objetivo consensual, a forma não

### *China-Taiwan approach: consensual aim, but not on how is dealt*

ALEXANDRE RATSUO UEHARA\*\*

MOISES LOPES DE SOUZA\*\*

Meridiano 47 n. 108, jul. 2009 [p. 18 a 20]

Taiwan voltou ao centro da atenção internacional em julho por causa da troca de correspondências entre os presidentes da China, Hu Jintao, e de Taiwan, Ma Ying-jeou. Em outra perspectiva pode-se dizer que a China continua ocupando espaços nas manchetes internacionais. O destaque foi a troca de mensagens foi motivada pela vitória de Ma Ying-jeou ao posto de líder do Partido Kuomintang (KMT). Essa foi a primeira comunicação entre representantes dos governos de Pequim e Taipei depois de 1949, ano em que Chiang Kai-shek se exilou na ilha e reflete a uma importante mudança na política externa do atual presidente taiwanês em relação ao seu antecessor.

Taiwan, uma ilha menor que o estado da Paraíba, tem sua inserção internacional influenciada, desde 1949, pela relação China-Estados Unidos. Durante a Segunda Guerra Mundial (II GM) o presidente da China, Chiang Kai-shek, era o parceiro estratégico de Washington na Ásia. Mas, ao final da II GM, os comunistas assumiram o poder no continente e o aliado dos EUA fugiu para Taiwan. E, até o início da década de 1970, apesar do governo de Pequim ter uma abrangência territorial muito superior a de Taipei, era o governo taiwanês que representava a China nos fóruns internacionais.

O governo da China, por sua vez, desde 1949, jamais aceitou essa situação e tinha o entendimento de que Taiwan deveria ser “libertada” pelo meio da força, pois era uma província rebelde que deveria ser restaurada à “Terra Mãe” (WACHMAN, 2007). Para isso, o Partido Comunista Chinês (PCC) defendia o uso

da força e as campanhas militares nas crises das “ilhas offshore”, em 1950, são exemplos dessa disposição. Mas, no início dessa década, houve a Guerra da Coreia (1950-1953) – episódio importante nas relações entre os EUA e a China, pois foram, respectivamente, aliados militares importantes das forças da Coreia do Sul e da Coreia do Norte. Esse episódio fez com que a preocupação chinesa na defesa da Coreia do Norte – estado “tampão” – adiasse a retomada de Taiwan.

Na década de 1960, o equilíbrio geoestratégico internacional começou a se transformar com a dissolução da aliança sino-soviética e o interesse dos EUA em enfraquecer a ex-URSS. A política externa norteamericana em relação à China modificou-se passando a buscar uma aproximação. Em 1971, a representação na Organização das Nações Unidas (ONU) foi transferida de Taiwan para a China e, com isso, a comunidade internacional de maneira geral passou a reconhecer o governo de Pequim como o “legítimo” representante chinês. Esse processo abriu caminhos para uma aproximação sino-americana, simbolicamente representada pelas visitas de Henry Kissinger e depois do Presidente Nixon a Pequim em 1971.

A aproximação fez com que o Partido Comunista Chinês desenvolvesse a “soft strategy”, prevalecendo a proposta de Deng Xiaoping de “um país, dois sistemas”. A partir de janeiro de 1979 o termo “libertação” foi abandonado em favor da bandeira de uma reunificação pacífica. Em 1981, o líder do Congresso Nacional do Povo, Marshal Ye Jiannying, anunciou a proposta de “nove pontos” na tentativa de levar o

\* Doutor em Ciência Política, Professor de Relações Internacionais nas Faculdades Integradas Rio Branco, Membro do Grupo de Conjuntura Internacional da USP – Coordenador da área Japão, Pesquisador Sênior do Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais – USP, Vice-Presidente da Associação Brasileira de Estudos Japoneses (aruehara@usp.br).

\*\* Mestrando em Relações Internacionais na *National Chengchi University* em Taiwan.

partido Kuomintang à mesa de negociações. Pequim acreditava que se mantivesse Taipei sobre pressão diplomática constante e aumentando seu isolamento, seria uma questão de tempo a retomada da ilha sem um embate militar, principalmente com os Estados Unidos (WACHMAN, 2007).

Em Taiwan, Chiang Kai-shek do partido KMT, exilado e sob o constante temor de uma invasão da China, desenvolvia desde 1949 um governo autoritário, aplicando a lei Marcial que suspendia vários direitos dos cidadãos. Esse autoritarismo começa a enfraquecer em 1971, com a transferência da cadeira na ONU para China. Também contribuiu para a fragilização a morte de Chiang Kai-shek, em 1975, e a ascensão de seu filho Chiang Ching-kuo – mais liberal – em 1978. O governo de Taiwan foi afetado ainda mais pela declaração dos EUA, em janeiro de 1979, de que a ilha era parte da República Popular da China. Essa debilidade era vista por Pequim, conforme imaginado anteriormente, que a aproximação do governo Taipei era uma questão de tempo.

Chiang Ching-kuo sob pressão também dos EUA para democratização da ilha, vê o aparecimento do Partido Progressista Democrático (PPD) e a derrubada da Lei Marcial em 1987. Ching-kuo falece em 1988, assume a presidência Lee-Teng Hui. No governo de Hui houve intensificação e avanços nos diálogos sino-taiwaneses e foram criadas duas agências semi-oficiais para promoção do intercâmbio bilateral: a *Straits Exchange Foundation* por Taipei, em novembro de 1990, e a *Association for Relations Across the Taiwan Strait*, criada pelo PCC, em dezembro de 1991.

No entanto, Lee-Teng Hui, apesar de pertencer ao KMT, nascido na ilha, tinha fortes raízes étnicas taiwanesas. Com isso, após um início de diálogo com a China, passou a desenvolver uma política de maior autonomia buscando quebrar o isolamento diplomático imposto pela China desde a década de 70. Em 1993, Hui inicia uma campanha por um assento na ONU para Taiwan. Essas ações conduzem ao retorno das tensões e o PCC, sob a liderança de Jiang Zemin desde 1989, retoma a idéia da “*hard strategy*”. A China volta a defender políticas militares de persuasão para impor a unificação e os exercícios militares como os lançamentos de mísseis próximos a

costa de Taiwan, por exemplo, em 1995 e 1996, são demonstrações dessa (WACHMAN, 2007).

Fica evidente que, independente da forma, em nenhum momento a recuperação de Taiwan deixou de ser defendida pela China, pois a ilha é considerada política, econômica e, principalmente, estrategicamente muito importante. A recuperação envolve uma perspectiva de legitimação do PCC e a reunificação, sob o princípio “de uma só China”, é um elemento defendido como parte da identidade chinesa que foi dividida com a separação de Taiwan. Portanto, o conceito de “soberania indivisível” é o fundamento de todas as ações políticas chinesas, que se questionado pode conduzir ao confronto, que em última instância seria para o PCC o encerramento de um processo que começou com a grande marcha liderada por Mao Zedong em 1934.

Entretanto, a estratégia desenvolvida pela China atualmente, cunhada de “*The soft gets softer*”, apresenta características novas e pacíficas, com a finalidade de conquistar corações e mentes taiwaneses. A nova abordagem começou a ser sentida a partir de 2005, quando iniciativas de cunho cultural para promoção de laços com Taiwan passaram a ser acompanhadas pelo aprofundamento de parcerias econômicas. Temos como exemplo de tratamento diferenciado para a Taiwan, a permissão aos seus estudantes do pagamento de taxas nos mesmos moldes dos estudantes chineses (“*in-state tuition*”), ou seja, são taxas universitárias mais acessíveis que aos estudantes de outras nacionalidades; aumento do prazo de permanência na China para jornalistas; e, na área econômica, em 2006, quando os preços da banana no mercado mundial caíram abruptamente, foi dado um tratamento especial à produção taiwanesa, com a manutenção dos preços e dos volumes de importação.

Apesar dessa nova política, a tendência nacionalista de Chen Shui-bian, presidente de Taiwan por dois mandatos (2000 a 2008), dificultava entendimentos entre os dois governos. As relações começam a mudar com a vitória de Ma Ying-jeou nas eleições de 2008, que marcou também a volta do KMT ao poder.

Ma é um político que defende mais negociação e menos tensão nas relações com a China. Já em abril

de 2008, um mês antes da posse de Ma Ying-jeou, mudanças nas relações Pequim-Taipei podiam ser observadas, pois, nesse mês, durante o Fórum Econômico Internacional, o presidente chinês, Hu Jintao, se encontrou com o vice-presidente eleito de Taiwan, Vicent Siew, na ilha de Hainan. Em novembro desse ano foram firmados acordos entre China e Taiwan na área de transporte para possibilitar maior volume de negócios; houve a isenção de imposto de importação para mais de 100 produtos e também a ampliação no número de vôos diretos entre os dois países.

Portanto, as trocas de mensagens em julho de 2009, entre Hu Jintao e Ma Ying-jeou, ratificam a nova realidade bilateral. Consensualmente, entende-se boas relações entre esses dois atores contribuem para estabilidade na região. De acordo com dados da pesquisa da *Mainland Affair Council* de Taiwan, divulgados em 14 de julho de 2009, mais 70% dos taiwaneses apóiam as negociações bilaterais, mas nem todos estão satisfeitos com a forma. Em Taiwan, há oposição e críticas em relação a condução da aproximação Pequim-Taipei, por estar muito centralizada na figura do presidente taiwanês e por ser pouco transparente foi apelidada, pelos líderes do Partido Progressista Democrático, como "*Secret Diplomacy*".

Apesar de algumas restrições quanto à forma, a tendência é de aproximação por três fatores presentes no momento: a disposição do governo de Taiwan, o

fortalecimento internacional e interesse da China e a debilidade relativa e interesse dos EUA. Assuntos para outro artigo.

### Bibliografia

- MINISTER OF THE MAINLAND AFFAIRS COUNCIL. *The Current Stage of Cross-Strait Relations and the ROC Government's Mainland China Policy*. July 14, 2009. Disponível em: <http://www.mac.gov.tw/english/index1-e.htm>. Acesso em 28/Jul/09
- WACHMAN, Alan M. *Why Taiwan? Geostategic Rationales for China's Territorial Integrity*. Stanford: Stanford University Press, 2007. 272p.

Recebido em 27/07/2009

Aprovado em 29/07/2009

**Resumo:** Este artigo analisa a tendência de aproximação nas relações China-Taiwan.

**Abstract:** This article analyzes the trend of new approach in the China-Taiwan relations.

**Palavras-chave:** Relações China-Taiwan, Ásia, Política Externa.

**Key-words:** China-Taiwan Relations, Asia, Foreign Policy

